

Atuação Profissional Do Assistente Social Frente À Lgbtfobia No Ambiente Escolar

Pedro Victor De Amorim Pinto Rodrigues¹, Ionara Da Silva Soares¹,
Cassandra Maria Bastos Franco², Lucas Catarino Pereira De Sousa²,
Ronny Batista De Sousa³, Wylnara Dos Santos Braga³,
Francisco Edésio Carlos Soares⁴, Francisco Renato Silva Ferreira⁵,
Allysson Barbosa Fernandes⁶, Maria Arnalda Lima Belo Silva⁷,
Lucineide Rodrigues Chaves Silva⁸, Francisco Das Chagas Araújo Coelho⁹,
Antonio César Sobreira Marques Filho¹⁰, Talita Maciel Teixeira¹,
Redycson Rodrigues Alves Da Silva¹,

¹(Departamento De Serviço Social / Faculdade De Educação Memorial Adelaide Franco - Femaf, Brasil)

²(Departamento De Políticas Públicas / Universidade Federal Do Piauí, Brasil)

³(Departamento De Saúde Coletiva/ Universidade Federal Da Bahia, Brasil)

⁴(Departamento De Teologia/ Faculdade Est, Brasil)

⁵departamento De Ensino Em Saúde/ Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Brasil)

⁶(Master Of Science In Emergent Technologies In Education / University Of Science And Technology, Estados Unidos)

⁷(Departamento De Educação / Centro Universitário Eaprenda Elearning, Brasil)

⁸(Departamento De Serviço Social / Instituto De Ensino Superior Múltiplo, Brasil)

⁹(Departamento De Direito Médico E Proteção Jurídica A Saúde / Sociedade Piauiense De Educação, Ciências E Tecnologia -Alepi/Far., Brasil)

¹⁰(Departamento De Serviço Social / Centro Universitário Santo Agostinho, Brasil)

Resumo:

A homofobia é um assunto que tem se tornado um debate frequente nas discussões no meio social, não apenas ligados à área da educação, mas no campo da política, da mídia e de diversos outros setores da sociedade, inclusive na área social, no que diz respeito a garantia de direitos dessa população. Com base nisso, o presente trabalho traz à tona uma abordagem sobre a atuação do social frente à Lgbtfobia no ambiente escolar, compreendendo suas atribuições e competências, no combate ao preconceito e discriminação. O objetivo geral do estudo é analisar os estigmas sofridos por LGBTQIA+ no ambiente escolar e como o Assistente Social pode atuar frente a essa problemática. E os específicos são: identificar os estigmas sofridos pela população LGBTQIA+ na escola; analisar atuação do assistente social no enfrentamento à lgbtfobia na escola; e avaliar as relações sociais no âmbito escolar e suas consequências para população LGBTQIA+. A metodologia de pesquisa utilizada para a realização do trabalho é bibliográfica de cunho qualitativa, que tem como critérios de inclusão artigos científicos publicados em periódicos nacionais no período de 2017 a 2020. O assistente social desempenha um papel fundamental no enfrentamento e combate a qualquer forma de discriminação e preconceito, contribuindo para a construção de um ambiente seguro, acolhedor e livre de Lgbtfobia.

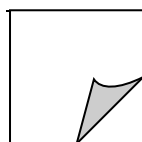
Palavras-chave: LGBTQIA+ ; Lgbtfobia; Ambiente Escolar; Assistente Social.

Date of Submission: 08-04-2024

Date of Acceptance: 18-04-2024

I. Introdução

A homofobia é um tema que se torna um debate frequente nas discussões no meio social, não só ligados à área da educação, mas na política, mídia e diversos outros setores da sociedade, captando que o seu conceito em modo geral a um conjunto de articulações de atitudes, violações físicas, restrições, norteadas aquelas e aqueles que não vivenciam sua sexualidade em consonância com o padrão heterocentrado. É comum que a homofobia ocorra por grande falta de informações e, contudo, pela defesa de uma cultura heterossexual, patriarcal, modelo ocidental, muito enraizado nas doutrinas cristãs, na qual julgam como única forma de



relacionamento as relações afetivas entre homem e mulher. E esse modelo está impregnado, tornando-se um retrato da cultura, na qual todos aqueles que não estão dentro desse padrão social acabam passando por situações e em ambientes diversos, inclusive no ambiente acadêmico.

Como expressa Santiago (2009), o sistema educandário é um dos lugares sociais onde mais se apresenta a diversidade sexual e de gênero. Essa desigualdade encontra-se muitas vezes limitada pelos muros da ignorância e ausência de sensibilidade em relação à vivência das formas de manifestações afetivas e sexuais que diferem das normas pré-estabelecidas socialmente. Considera-se importante pensar a discriminação homofóbica na escola, espaço público de frequência obrigatória onde crianças, jovens e adolescentes começam a construir suas identidades sociais e a estabelecer relações com o mundo dos afetos. Regras, limites, permissões e proibições, depois da família, em grande medida, são transmitidas para os jovens através da escola.

Homossexuais enfrentam diversos tipos de hostilizações, violências e restrições de direitos em vários espaços não institucionais e institucionais. A violência de natureza homofóbica no espaço escolar nem sempre opera de forma explícita. A sua presença se faz por meio de piadas, representações caricaturais, insultos em forma de chacotas entre outros, todos voltados a garantir que qualquer expressão que não seja heterossexual permaneça em posição de inferioridade (FAZZANO; BRAGA, 2013).

A partir dos dados e informações que será produzida na pesquisa, teremos um levantamento que a injúria é a forma de expressão da homofobia mais frequente no espaço escolar estudado. Considerada uma violência que coloca em risco a trajetória escolar de estudantes LGBT, necessita de medidas mais eficientes de combate por parte de todos os membros da comunidade escolar. O assistente social também pode articular parcerias com instituições e organizações da sociedade civil que trabalham com a temática LGBTQIA+, ampliando assim o acesso a apoio e serviços para os estudantes. Em síntese, o assistente social desempenha um papel fundamental no enfrentamento à homofobia nas escolas, buscando criar um ambiente acolhedor, inclusivo e respeitoso para todos os estudantes. O trabalho gira em torno de algumas questões norteadoras: Quais as atribuições do assistente social frente a Lgbtfobia no ambiente escolar? Quais políticas públicas são voltadas para o enfrentamento a Lgbtfobia no âmbito escolar?

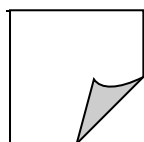
Nos meandros das escolas brasileiras, a crise se manifesta de maneira multifacetada, permeada pela violência que emerge de fatores econômicos, sociais e históricos. Neste cenário, é inegável que o momento histórico atual impulsiona mudanças profundas na sociedade, impactando diretamente a educação, seus pilares de conhecimento, seus propósitos e funcionalidades (Barbosa & Freire, 2006). Dentro desse contexto, é fundamental destacar que as questões relacionadas à homofobia não são alheias a esse cenário de conflito e transformação. A presença de estigmas e discriminação contra estudantes LGBTQIA+ nas escolas reflete, em grande parte, essas tensões sociais mais amplas. Nesse sentido, a atuação do assistente social se torna ainda mais crucial, como uma ferramenta para promover a inclusão, o respeito à diversidade e o enfrentamento das barreiras enfrentadas por esses estudantes no ambiente escolar. Diante disso, deste trabalho tem como objetivo analisar a profundidade desses estigmas e entender como o assistente social pode desempenhar um papel significativo no enfrentamento dessa problemática, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais justo, inclusivo e seguro para todos.

II. Método

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (2002, p.32) “A pesquisa bibliográfica é entendida como uma forma de leitura, usada por meio de interpretação do material usado, como livros, revistas, artigos etc.”. A pesquisa também fez uso da pesquisa qualitativa que é um modo de abordagem de pesquisa de estudo onde se usa o aspecto subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, enraizada nos princípios do materialismo de Marx, para investigar a atuação profissional do assistente social diante da problemática da Lgbtfobia no ambiente escolar.

O materialismo histórico de Marx fornece uma estrutura analítica profunda, destacando as relações de poder, as contradições sociais e as lutas de classes subjacentes à realidade educacional contemporânea. Dentro desse contexto teórico, foram explorados conceitos-chave como alienação, hegemonia e reprodução social, a fim de compreender as raízes estruturais da discriminação contra pessoas LGBTQ+ nas escolas. Ao examinar criticamente a literatura especializada, foram identificados desafios enfrentados pelos assistentes sociais na promoção de ambientes educacionais inclusivos e livres de discriminação. Conceitos como empoderamento, diversidade e interseccionalidade emergiram como fundamentais para a prática profissional, fornecendo ferramentas conceituais para a formulação de estratégias de intervenção eficazes.

A análise aprofundada das fontes bibliográficas permitiu uma compreensão mais ampla das barreiras estruturais e culturais que perpetuam a Lgbtfobia no contexto escolar, bem como das possíveis formas de enfrentamento por parte dos assistentes sociais. Nesse sentido, o uso do materialismo de Marx como base teórica enriqueceu a análise crítica da atuação profissional do assistente social, oferecendo conhecimento sobre as dimensões sociais e políticas envolvidas na luta contra a Lgbtfobia. Ao integrar essa perspectiva teórica com abordagens mais específicas da prática do serviço social, tornou-se possível desenvolver estratégias mais



eficazes para a promoção da diversidade e da inclusão nas escolas, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O estudo utilizou-se dos estudos de (Silva, 2005; Yamamoto, 2013; Pereira, 2009; Guareschi, 2008; Fante, 2005; Campos, 2012; Rolim, 2008; Limbâneo, 2012).

III. Resultado E Discussão

A escola é o lugar na qual favorece transformações já que esta possibilita o acesso ao conhecimento. A escola por sua vez foi uma instituição que foi construída historicamente nas relações sociais com a função de ensinar crianças, jovens e adultos o conhecimento científico das diversas áreas do conhecimento, assim como as relações humanas necessárias para o convívio social, por meio de direitos universais que aos poucos foram se estendendo a todos os sujeitos, e garantidos em forma de Lei. Nessa perspectiva, a Constituição Federal de 1988, reafirmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB 9394/96, além de ampliar o direito à educação básica, propôs a inclusão como forma de universalizar e democratizar a educação básica brasileira (BRASIL, 2009).

Esta instituição por sua vez tem importante função no processo de conscientização, orientação e instrumentalização dos corpos da criança e do adolescente. A instituição escolar, ao classificar os sujeitos pela classe social, etnia e sexo, tem historicamente contribuído para (re)produzir e hierarquizar as diferenças. Essa tradição deixa à margem aqueles que não estão em conformidade com a norma hegemônica e, desta forma, não contempla a inclusão da diversidade sexual, proposta na atualidade. O conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1993) para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante.

A forma em que a sexualidade é evitada de ser discutida em sala de aula acaba se tornando algo muito complicado, o ambiente escolar não está preparado para lidar com a situação abortada, e os alunos não estão preparados para não serem preconceituosos. Não podemos nos esquecer de que vivemos em uma sociedade machista. Então existe uma série de preconceitos, mas principalmente a homofobia. E ela ainda é escondida pela tolerância mascarada, o que é complicado. É ensinado que temos que ter tolerância, mas “olerar é aguentar e a relação das pessoas não pode ser a base de suportar”. Para Louro (2000) a escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém assuma sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto.

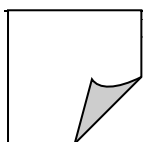
O assistente social desempenha um papel fundamental na implementação e desenvolvimento de políticas públicas para a comunidade LGBTQIA+. Sua atuação é essencial para promover a inclusão, proteção e garantia de direitos dessa população, estabelecendo uma sociedade mais justa e igualitária. Atualmente, os direitos humanos estão em pauta de discussões e seminários internacionais e nacionais, palestras sobre diferentes temas envolvendo os direitos sociais e civis, como a luta do movimento LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, Bissexuais, transexuais, questionando ou queer, intersexuais, + é o termo que engloba todas as letras da sigla completa) (CEZÁRIO, 2022).

O serviço social como uma profissão que tem como debate a questão dos direitos e políticas públicas para a população LGBT implica como uma necessidade com importantes mudanças no que age aos padrões, sexualidades, costumes e moral da sociedade. Segundo Rua (2009) algo que incomoda a sociedade que gera insatisfação para muitos indivíduos, portanto não chega a construir um item da agenda governamental. Segundo Duarte (2014), o debate sobre sexualidade feita pelo serviço social teve sua primeira aparição em 1986, ano de aprovação do quarto Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais de 1986. O debate foi reconhecido no Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESS) realizado na cidade do Rio de Janeiro, tendo como sujeitos impulsionadores o movimento estudantil da época, composto pelos/as graduandos/ as do curso de Serviço Social, dentre eles, alguns estudantes gays e lésbicas. Esses temas estiveram presentes em vários eventos da categoria profissional, por exemplo, o Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) e na formação de um grupo de trabalho e pesquisa (GTP), denominado Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade (DUARTE, 2014).

A atuação do assistente social no enfrentamento à LGBtfobia na escola é fundamental para garantir um ambiente seguro e acolhedor para todos os estudantes, independentemente da sua orientação sexual ou identidade de gênero. O assistente social desempenha um papel importante na promoção de uma educação inclusiva e no combate à discriminação e preconceito.

Algumas formas de atuação do assistente social no enfrentamento à LGBtfobia na escola podem incluir a sensibilização e a conscientização. O assistente social pode promover ações educativas e de sensibilização com estudantes, professores e gestores escolares para discutir a importância da diversidade sexual e de gênero e combater estereótipos e preconceitos.

A Orientação e o apoio do assistente social no enfrentamento da LGBtfobia nas escolas podem consistir também em encaminhar os estudantes LGBT+ e seus familiares aos responsáveis por oferecerem



orientações jurídicas, socioafetivas e psicológicas para, auxiliando na compreensão dos direitos e na busca de recursos e serviços de apoio. São levadas em consideração algumas peculiaridades da atuação profissional, tais como: linguagem acessível e voltada às reais necessidades desta população; engajar-se no ativismo para buscar direitos e lutar contra todas as formas de preconceito e discriminação contra pessoas LGBT; o desempenho de uma profissão relevante e importante, especialmente durante a implementação de eventos socioeducativos e em processos político-organizacionais (SILVA, 2015).

O assistente social pode participar ativamente no desenvolvimento de políticas inclusivas, planos de ação e protocolos específicos para lidar com casos de discriminação e Lgbtfobia na escola. Prata (2008) afirma que um assistente social que atua em um processo relacionado ao preconceito e à discriminação contra pessoas LGBT deve antes de tudo agir imediatamente para atender às demandas urgentes. Em segundo lugar, é preciso romper com as ordens morais impostas pela sociedade e permitir o desejo de emancipação, construção de cidadania e fuga da subordinação, levando em conta as peculiaridades de cada um.

O assistente social pode estabelecer parcerias com organizações da sociedade civil, instituições governamentais e outros profissionais (psicólogos, assistentes jurídicos, entre outros) para fortalecer a rede de apoio e garantir o acolhimento adequado aos estudantes LGBT+. O assistente social pode atuar como mediador em situações de conflito, promovendo o diálogo entre os envolvidos e buscando soluções que garantam o respeito e a segurança de todos. É importante ressaltar que a atuação do assistente social no enfrentamento à Lgbtfobia na escola deve ser pautada pelos princípios éticos e legais da profissão, considerando a autonomia e os direitos dos estudantes e suas famílias. É preocupante que existam estudantes e profissionais dos serviços sociais que defendem posições conservadoras que diferem daquelas defendidas pelos seus órgãos representativos profissionais no que diz respeito aos direitos da população LGBT; São comuns situações de negação, violação e desrespeito aos direitos destes cidadãos.

Almeida (2009) critica algumas atitudes dos assistentes sociais, que muitas vezes assumem uma postura indiferente diante da violação de direitos e da naturalização da violência contra pessoas LGBT e defendem contra a legalização dos direitos desta população, como as uniões homossexuais e adoção. filhos de casais do mesmo sexo. A violência homofóbica – psicológica, física, sexual, patrimonial, direta ou sutil – é um fenômeno multidimensional que atinge o público LGBT. Silva (2015) destacou que essa população apresenta histórico de violações quando é exposta a situações de violência na família, nas escolas ou nos serviços públicos, especificamente quando busca apoio para superar essa violência. Em muitos casos, são revitimizados por profissionais que atuam em delegacias e em órgãos de proteção e prevenção à violência, o que os leva à exclusão dos serviços públicos.

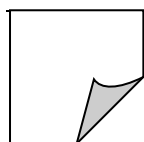
É essencial reconhecer que a discriminação e o bullying nas escolas têm consequências profundas para o bem-estar e o desempenho acadêmico dos estudantes LGBTQIA+. Autores como Ramires (2011) ressaltam como a homofobia nas instituições educacionais afeta diretamente o sucesso acadêmico e a inserção no mercado de trabalho desses jovens. Para enfrentar esses desafios, é necessário promover uma educação inclusiva e respeitosa, conforme proposto por Britzman (1996) e corroborado pelo Ministério da Educação, como evidenciado nas Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006). Isso envolve a capacitação de professores, a inclusão de conteúdos relacionados à diversidade sexual nos currículos e a criação de espaços seguros para estudantes LGBTQIA+, como sugerido por diversos autores.

Além disso, a parceria entre escola e família é crucial, conforme destacado por autores como Garcia (2006) e Kaloustian (1998). A participação ativa dos pais na vida escolar de seus filhos, aliada a uma educação baseada no respeito à diversidade, pode contribuir significativamente para a formação de cidadãos conscientes e inclusivos. Em suma, abordar os desafios da diversidade sexual na educação requer uma abordagem colaborativa e holística, que envolva educadores, alunos, famílias e políticas educacionais. Somente através de esforços conjuntos e comprometimento com a igualdade e o respeito é que podemos criar ambientes escolares verdadeiramente seguros e inclusivos para todos os estudantes.

O Serviço Social na Educação: Construindo Diálogos e Garantindo Direitos

A atuação do/a assistente social na área da educação remonta às primeiras décadas do século XX, ganhando maior expressividade a partir dos anos 1990 (Campos, 2012). Libâneo (2012) e Young (2011, citados em Dentz & Silva, 2015) ressaltam a importância de construir um diálogo entre o Serviço Social e a Educação ao longo da história. No contexto inicial, os assistentes sociais focavam-se no controle social sobre famílias proletárias e nos processos de socialização e educação na classe trabalhadora durante o período varguista (Almeida, 2004). Hoje, o Serviço Social na educação busca promover a inclusão e garantir os direitos socioassistenciais dos estudantes e comunidade escolar, atuando em parceria com professores, gestores e famílias.

A legislação brasileira, como o Projeto de Lei nº 837/2003, visa a presença de assistentes sociais e psicólogos/as na educação, buscando a articulação entre diferentes instâncias para ações conjuntas (Brasil, 2000). A atuação do assistente social inclui realizar estudos sociais, prevenir o abandono escolar, combater a



violência e discriminação, além de orientar e encaminhar estudantes para serviços socioassistenciais. O enfrentamento à LGBTfobia na escola também se tornou um campo importante de atuação para assistentes sociais. A promoção de uma educação inclusiva e o combate à discriminação são metas centrais, envolvendo sensibilização, orientação e mediação de conflitos (Silva, 2015; Prata, 2008).

A realidade do bullying escolar, um problema global, requer uma abordagem multidisciplinar. Além disso, a atuação do Serviço Social na educação visa garantir a permanência dos estudantes na escola, contribuindo para um ambiente seguro e acolhedor (Alves e Soares, 2013; Guareschi, 2008). A família desempenha um papel fundamental na proteção e desenvolvimento dos estudantes, independentemente de seu arranjo familiar. Portanto, políticas inclusivas devem considerar as especificidades desse ambiente (Kaloustian, 1998).

O código de ética profissional direciona o compromisso do assistente social com a atuação crítica e interventiva, utilizando uma abordagem multidisciplinar para promover direitos e enfrentar desigualdades (Iamamoto, 2015). Em suma, o Serviço Social na Educação desempenha um papel essencial na construção de uma escola inclusiva e democrática, onde todos os estudantes tenham acesso aos seus direitos fundamentais. Ao enfrentar desafios como a LGBTfobia e o bullying, os assistentes sociais buscam garantir um ambiente de aprendizado seguro e respeitoso para todos.

IV. Conclusão

A atuação do assistente social frente à LGBTfobia no ambiente escolar é essencial para promover uma educação inclusiva e garantir o respeito pelos direitos de todos os estudantes, independentemente da sua orientação sexual ou identidade de gênero. O assistente social desempenha um papel fundamental no enfrentamento e combate a qualquer forma de discriminação e preconceito, contribuindo para a construção de um ambiente seguro, acolhedor e livre de LGBTfobia. Por meio de ações de sensibilização, orientação, elaboração de políticas inclusivas, mediação de conflitos e articulação com redes de apoio, o assistente social trabalha para criar uma cultura de respeito à diversidade sexual e de gênero na escola. Ao oferecer um suporte integral aos estudantes LGBT+ e suas famílias, o assistente social fortalece os vínculos familiares e comunitários, promovendo a inclusão e garantindo o pleno exercício dos direitos desses estudantes.

A atuação do assistente social no enfrentamento à LGBTfobia no ambiente escolar é um grande passo rumo a uma educação mais igualitária e justa, que reconhece e valoriza a diversidade humana. Ao colaborar com outros profissionais e instituições, o assistente social contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, livre de discriminação e preconceito. O papel do assistente social no enfrentamento a homofobia nas escolas é essencial. Eles trabalham para promover um ambiente seguro e inclusivo para todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual. O assistente social pode realizar atividades como palestras e workshops sobre diversidade sexual, prevenção da homofobia e promoção do respeito às diferenças.

Além disso, eles podem oferecer suporte individualizado aos estudantes LGBTQIA+ que sofrem discriminação ou bullying nas escolas, fornecendo um espaço de escuta e orientação. Outra ação importante do assistente social é colaborar com a criação e implementação de políticas e programas educacionais que promovam a diversidade e o respeito, além de atuar na mediação de conflitos e na sensibilização de professores, funcionários e pais sobre a importância da igualdade e aceitação.

References

- [1]. Fazano, L. C. ; Braga, K. D. S. . Homofobia Na Escola: Perspectivas De Estudantes Do Ensino Médio. In: Ribeiro, A. I. M.; Prado, V. M. (Org.). Falando Sobre Gênero E Sexualidades Na Educação: Vamos Nos Permitir? Curitiba, Pr: Crv, 2013,
- [2]. Cezário, Francisco Wagno Dantas. A Luta Pelos Direitos Humanos E O Trabalho Do Assistente Social: Uma Abordagem Histórica. Universidade Potiguar, 2022.
- [3]. Louro, Guacira Lopes. Currículo, Gênero E Sexualidade – Porto Alegre: Porto, 2000. P.37.
- [4]. Oliveira Duarte, Marco José. Diversidade Sexual, Políticas Públicas E Direitos Humanos: Saúde E Cidadania Lgbt Em Cena. *Temporalis*, V. 14, N. 27, P. 77-98, 2014.
- [5]. Gil, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos De Pesquisa. Editora Atlas Sa, 2002.
- [6]. Brasil. Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional 9394/96. Brasília: 2009. Disponível Em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L12014.htm#art1>
- [7]. Silva, L. L. Avaliação Da Atuação Do Serviço Social Na Ong Movimento Gay Leões Do Norte E Centro De Referência Em Direitos Humanos E Combate À Homofobia Leões Do Norte. 2015. Disponível Em: <http://arcus-ufpe.com/files/semcap10/semcap1017.pdf>. Acesso Em: 10 Set. 2023.
- [8]. Prata, M. R. A Discriminação Contra Os Homossexuais E Os Movimentos Em Defesa Dos Seus Direitos. 2008. Dissertação (Mestrado Em Serviço Social). Rio De Janeiro. Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro, 2008.
- [9]. Almeida, G. Notas Sobre A Possibilidade De Enfrentamento Da Homofobia Pelos/As Assistentes Sociais. *Revista O Social Em Questão*. Rio De Janeiro: Puc-Rio, V. 20, N. 9, P.117-141, Jul./Dez. 2009.
- [10]. Yamamoto, M. E.; Carvalho, A. M. A. Brincar Para Que? Uma Abordagem Etológica Ao Estudo Da Brincadeira. *São Paulo: Estudos De Psicologia*, 7 (10), 2002. P. 163-164.

